

Artigo Original

CARLOS (E FAMÍLIA) EM BUSCA DE SI: O CONTO DE FADAS ÀS AVESSAS

CARLOS (AND HIS FAMILY) IN SEARCH OF HIMSELF: THE FAIRY TALE IN REVERS

Tércia Costa Valverde

Universidade Estadual de Feira de Santana, Novo Horizonte, BA, Brasil

Resumo: *Que farei quando tudo arde?* pode representar o desmascaramento do indivíduo português que, muitas vezes, não se deu conta de que a estrutura sociofamiliar de seu país se transformou. Consequentemente, o leitor depara-se com uma família diversa dos padrões sociais, em absoluta derrocada do ser. Em vão, a tríade tenta buscar o sentido da existência. Assim, Carlos, Judite e Paulo traduzem-se em personagens que envolvem os seus receptores, em uma atmosfera de Contos de Fadas às avessas. Referencial teórico utilizado: Antunes (2001; 2002); Bettelheim (1980), entre outros. .

Palavras-chave: Crise identitária; Desconstrução social; Que farei quando tudo arde

Abstract: *Que farei quando tudo arde?* can represent the unmasking of the Portuguese individual who, many times, did not realize that the socio-family structure of his country had changed. Consequently, the reader is faced with a family that is different from social standards, in an absolute overthrow of being. In vain, the triad tries to search for the meaning of existence. Thus, Carlos, Judite and Paulo become characters that involve their receivers, in an atmosphere of Fairy Tales in reverse. Theoretical framework used: Antunes (2001; 2002); Bettelheim (1980), among others.

Keywords: Identity crisis; Social deconstruction; Que farei quando tudo arde?

Que farei quando tudo arde? pode representar o desmascaramento do indivíduo português, que, na maior parte das vezes, não se deu conta de que a estrutura sociofamiliar de seu país se transformou, com o fortalecimento do modelo cultural pós-moderno. Nessa obra antuniana, o seu leitor depara-se com uma família em crise e em absoluta derrocada do ser, que, desesperadamente, e em vão, tenta buscar o sentido perdido de sua existência. Tal instituição doméstica luta incessantemente pela recuperação

de uma possível felicidade perdida, depositada no passado ou em forma de quimera. Sendo assim, Carlos, Judite e Paulo traduzem-se em personagens que envolvem os seus receptores em uma atmosfera de Contos de Fadas às avessas. Não por acaso, Lobo Antunes, ao longo de sua obra, em uma possível atitude de crítica à tradição literária e social, procura tecer relações de conteúdo e forma com os antigos clássicos infantis, a exemplo do “Era uma vez um homem de nome Luís a quem faltava a vista esquerda”, em *As naus* (1988)¹, bem como, ao longo de *Que farei quando tudo arde?*, mencionar a significativa presença do “anão da Branca de Neve”, que observa com olhos reprovadores a tumultuada relação entre os protagonistas desse romance. No entanto, qual seria o significado desse diálogo entre os Contos de Fadas e a supracitada obra antuniana?

Quando pesquisamos acerca da figura do “Anão” no conto clássico da Branca de Neve, percebemos a ideia de que, na história clássica, os anões zelam pelo seu lar e pela ordem familiar. Tal informação nos levou a crer que Lobo Antunes, em um ato recheado de criatividade, teceu uma relação contraditória entre a ordem e a paz reinantes no lar dessas pequenas criaturas, que acolheram a desamparada princesa que fugia de sua madrasta e, o caos e a desordem do seio familiar de Carlos, Judite e Paulo. Na obra antuniana, percebemos que não há um lar propriamente dito, pois as coisas e as pessoas estão fora de lugar. Porém, em ambos os casos há um processo analógico de formação de personalidade diferente da anterior, que se rompe ao lutar contra os obstáculos que a vida oferece aos sujeitos que a provam. Em *Branca de neve*, a princesa se desenvolve enquanto mulher, ao sair de casa e experimentar a responsabilidade de cuidar de si, do lar dos anões, bem como de seus anfitriões. Houve, nesse caso, um crescimento do sujeito. Já em *Que farei quando tudo arde?*, a formação da personalidade de cada um dos protagonistas passa, como vimos, por um processo de decadência, dor e derrocada, em virtude do desmantelamento familiar do qual são vítimas e da falta de um final feliz em suas vidas. Apesar das dificuldades e das aventuras que passa no decorrer da literatura clássica, Branca de Neve atinge a plenitude, finalmente, quando se casa com um príncipe encantado. Já no romance em análise, a bem-aventurança não acontece para Carlos, Judite e Paulo, que não viveram “felizes para sempre”.

Bruno Bettelheim (1980, p. 233), em *A psicanálise dos contos de fadas*, diz que os contos de fadas lidam de forma imaginativa com as proposições mais importantes sobre desenvolvimento em nossas vidas. Para ele, Branca

1 LOBO ANTUNES, António. *As Naus*. 5 ed. Lisboa: Dom Quixote, 2002, p. 19.

de Neve tornou-se a metáfora pela qual nos referimos a uma constelação emocional específica dentro da família, de um tipo que pode causar sérios impedimentos para o crescimento e amadurecimento do indivíduo, enquanto, por outro lado, também é fonte de formação de personalidade (p. 234). Em seu antigo lar, a princesa era coberta de mimos por seu pai, mesmo sofrendo as injúrias e o desprezo de sua invejosa madrasta. Na casa dos anões, essa heroína aprende e desenvolve dotes domésticos e de sobrevivência no bosque. Sem querer, o rei a impedia de crescer enquanto mulher. Contudo, o seu caráter benevolente e pacífico foi herdado de seu pai. Já no seio familiar antuniano, percebemos que Paulo não teve condições de se desenvolver porque não tinha uma estrutura sólida e educativa em seu lar. Carlos e Judite não se empenharam em educar o filho. Foi fora de casa que Paulo, sozinho, se entrega às drogas e carrega consigo toda uma carga física e psicológica, que desmonta a sua identidade. Ao contrário de Branca de Neve, Paulo aprende a se desconstruir longe de sua família. De acordo com Bettelheim, no conto de fadas há a vitória sobre o inimigo, os obstáculos que são impostos aos seus heróis, além da recompensa final por seus esforços, que é a felicidade. Existe também nos clássicos a lição de moral propagada aos seus leitores de que a criança passa por dificuldades em sua relação vital com os pais para atingir a vitória final e o crescimento como sujeito (p. 238). Porém, não há, como vimos, esse tipo de desfecho na citada obra antuniana.

Ainda de acordo com Bettelheim, os anões desempenham o papel fundamental de serem auxiliares no processo de transformação identitária de Branca de Neve. Em troca de um lar, os anões pediram-lhe que cuidasse das tarefas domésticas enquanto estivessem trabalhando na mina de diamantes. Nesse momento da história, a princesa desperta para a realidade da divisão social de tarefas. Cada indivíduo deve ocupar um local determinado em uma dada comunidade. Já sob o aspecto psicanalítico, os anões não conseguiram se desenvolver para uma humanidade amadurecida, uma vez que estão presos a um nível pré-edípico (eles não têm pais, não se casam e nem têm filhos na narrativa) e servem apenas para enfatizar os desenvolvimentos fundamentais que ocorrem com Branca de Neve (p. 239). De forma análoga, no romance de Lobo Antunes, o “anão da Branca de Neve” observa, grotescamente, do alto do frigorífico Paulo e seus pais, em uma tentativa, em vão, de ajudá-los a se recuperarem enquanto família, ou, de modo distinto dos clássicos, talvez simplesmente reprová-los por seus atos que destoam do ideal social desejado para essa instituição doméstica:

O frigorífico com o anão da Branca de Neve em cima, aquele de picareta ao ombro que manda nos colegas, o anão para a minha mãe [...] a minha mãe sepultada e o inverno a perseguir-me no interior da casa, se não fosse o anão da Branca de Neve [...] não me descobriam nunca [...] a sombra do anão / – Corta o anão tesoura / a lâmpada crescia e o anão completo / mesmo hoje, decorridos vinte anos, se eu pudesse quebrava-o [...] e o dono da esplanada a abotoar a camisa mirando o anão [...] dentro em pouco o anão da Branca de Neve partido, dentro em pouco a gaveta dos talheres no canteiro, dentro em pouco ela a dirigir-se a ninguém / – Porquê Carlos? [...] a minha mãe trazia a garrafa e não gesticulava ao espelho, não tremia e o anão a salvo... (2001, p. 18, 52, 54, 64, 82, 83).

Em *Que farei quando tudo arde?*, a presença observadora do “Anão da Branca de Neve” na casa dos anti-heróis que protagonizam tal enredo pode se traduzir na tentativa do escritor de nos demonstrar que os olhos de uma tradição clássica literária, que durante anos povoou o imaginário da cultura ocidental moralista, reprovam o caos instalado, no cenário pós-moderno, pelas mudanças históricas ocorridas na sociedade portuguesa. Se, por um lado Lobo Antunes demonstra que Carlos, Judite e Paulo representam a transformação do modelo de família que deve ser respeitada em sua diferença social, mesmo porque o mundo se transformou nesse contexto da pós-modernidade, por outro, ele, enquanto português, revela-nos o lado tradicionalista dessa mesma sociedade em processo de mudança, que não se sente à vontade com um pai que resolve travestir-se, uma mãe que se prostitui aos olhos do filho e um herdeiro que se entrega às drogas, por não suportar a sua realidade, conforme já vimos anteriormente. Sendo assim, em sentido oposto ao da teoria de Bettelheim, o “anão da Branca de Neve” não consegue ajudar esses anti-heróis a se desenvolverem enquanto sujeitos que buscam vencer as dificuldades da vida. E assim, por diversas vezes a sua presença é notada principalmente por Paulo, que também rejeita as atitudes de seus pais, consideradas por ele imorais. O anão representa a vida feliz e próspera que Paulo almejava obter, porém, a sua existência estava cada vez mais distante de consistir-se em “um Conto de Fadas”, daí a dificuldade, talvez, desse personagem em conviver com essa figura inquisidora. E, por vezes, tomado por um sentimento de revolta, Paulo tenta livrar-se do anão ao falar com a namorada: “se eu pudesse oferecer-te os malmequeres do quintal, o anão da Branca de Neve para venderes em Chelas” (p. 88). Notemos o paradoxo da situação, em que Paulo, ironicamente, deseja trocar o ícone da construção doméstica pacífica (o anão) por drogas no mercado de Chelas. Nesse trecho da obra, Paulo não está feliz nem com o amor, já

que perdeu a namorada, nem com a vida que possui no relacionamento com os seus pais. Para ele, tanto faz estar sem os pais, a paixão juvenil, os malmequeres e o anão da Branca de Neve.

Judite também se sente incomodada com os olhares de reprovação que a figura do anão lhe oferta, principalmente, se está na presença de seus amantes. Em diversos trechos do romance, o dono da esplanada nota a presença da figura que, do alto da geladeira, adota um papel divino de julgar e orientar os homens ao seu redor: “...o anão da Branca de Neve [...] foi o meu marido que o comprou no Natal, o dono da esplanada visitou-me nessa tarde” (p. 97). Interessante notarmos que foi Carlos quem adquiriu a peça que, paradoxalmente, tanto o reprovou ao longo de sua vivência familiar. Aliás, a figura do travesti caracteriza-se por ser e agir de modo ambíguo e múltiplo, como o próprio meio pós-moderno e Queer são percebidos, de modo generalizante e equivocado. Por muitas vezes, Judite se sentia sozinha e abandonada pelo seu marido e, como Paulo, procurava buscar auxílio e forças em um passado supostamente feliz. Mas Judite também confiava no anão e suplicava-lhe, inconscientemente, pela resolução de seus problemas familiares e matrimoniais. Assim como o seu filho, a mulher de Carlos também nutria um sentimento bipolar de atração e repulsa pela figura do anão, uma vez que ambos tinham a esperança de serem felizes para sempre, esperança essa que foi anulada com o passar dos anos: “...nenhum anão da Branca de Neve, nenhum frigorífico, a imagem no guarda-fato magoada antes de nós e a gente / – Porquê?” (p. 122). Essa anti-família sofria por estar distante do modelo sacramental imposto pela sociedade portuguesa católica, e, por isso mesmo, questionava-se a todo momento: Por que, por que eram diferentes? Não é nada fácil ser múltiplo em um contexto excludente e dicotômico.

Carlos também possuía, como os demais membros de sua família, uma relação antitética com o “anão da Branca de Neve”. Ao desejar obter a ajuda dessa emblemática figura dos clássicos infantis para poder vencer em sua trajetória de vida, o pai de Paulo não pôde contar com a realização de seus sonhos nem com o auxílio do anão, que, ao contrário do esperado, permanecia inerte em cima do refrigerador. Fantasticamente, quando saía da inércia, tal anão apenas olhava com olhos punitivos e de inimizade as ações da tríade Carlos-Judite-Paulo. Durante o decorrer da leitura de *Que farei quando tudo arde?*, pudemos perceber, em vários trechos, a tristeza e o pesar de Carlos por possuir uma identidade sexual diferenciada da culturalmente esperada de um pai de família cristão, em um país historicamente católico. Mesmo assumindo-se publicamente, o referido travesti sabia que iria pagar o alto preço da diferença. E, conseqüentemente, oscilava entre a atitude e

o arrependimento de seus atos: “...o anão da Branca de Neve sem coragem de acusar-me” (p. 133). Esse anão, juntamente com a casa do Bico da Areia representa o *locus amenus* dos protagonistas, o momento do passado em que viveram juntos e mais próximos de um ideal familiar.

Sendo assim, desabafa Paulo, na ocasião da morte de seu pai: “...às vezes penso que sou eu que estou morto, faleci no seu lugar e você vivo no Bico da Areia, o anão e etc, a esplanada e etc, o pinhal e etc” (p. 137). Mas, ao mesmo tempo quer “derrubar o anão da Branca de Neve” (p. 151). E o anão: “Porquê Carlos?” (p. 195). Então, apesar de o anão não ter auxiliado tais personagens a terem um final feliz, ele conseguiu, por outro lado, definir a mentalidade e o comportamento deles. Ficou marcado na memória dos três protagonistas como uma tentativa de vencer as intempéries da existência. Estava no subconsciente de Paulo, quando o psicólogo do hospital lhe pediu que desenhasse a sua família: “– Desenha-me uma casa a sério que raio de casa é essa? / – Malmequeres um anão de barro a que falta a picareta garrafas no tanque de lavar roupa do quintal...” (p. 212). Notemos aqui como a presença do anão, além de outros elementos pertencentes ao seu passado de infância, possuem um significado fundamental para a sua formação identitária. Esse *locus amenus* está impresso no imaginário de Paulo e representa o alicerce daquilo que ele pensa, age e acredita, na fase adulta.

Para Bettelheim (1980, p. 241), no Conto de Fadas, “quando a posição da criança dentro da família torna-se problemática para ela ou para os pais, ela começa o processo de luta para escapar da existência triádica”. E então, como consequência, esse ser infantil passa pela difícil jornada do autoconhecimento e da solidão. “Em alguns contos de fadas o herói tem de procurar, viajar e sofrer vários anos de existência solitária antes de estar preparado para encontrar, salvar e reunir-se a outra pessoa”, que dará significado positivo à sua vida (*idem*). Segundo esse teórico, em Branca de neve são os anos que a protagonista passa com os anões que representam o período de dificuldades, de elaboração dos problemas da princesa, ou seja, o seu período de crescimento. Já em Lobo Antunes, o anão não pôde se responsabilizar pelo crescimento de Paulo, nem dos demais personagens, uma vez que só houve a decadência da tríade. Quando Carlos abandona o lar e a sua família, ele experimenta as dificuldades mundanas e é por elas derrotado. Além disso, quando Judite também abandona Paulo, ela oferece ao filho o mundo, que não foi nada paterno com esse garoto. Enfim, não houve um crescimento na vida desses personagens, nem um encontro feliz, no final da história, que pudesse salvá-los de si mesmos, como sempre acontece nos clássicos infantis. Não há no romance antuniano essa

perspectiva do herói, que é uma pessoa em desenvolvimento. Ao contrário, o leitor de Lobo Antunes pode perceber que os seus personagens se caracterizam como anti-heróis, sujeitos decadentes e à deriva, no mar do próprio destino.

Sabemos que é dever dos pais o cuidar e o zelar pela sua criação, pois, caso contrário, os filhos tornam-se alvos de um trágico desfecho em suas vidas. No caso de Branca de Neve, que foi vítima da perda da figura materna, o processo de crescimento deu-se de forma penosa, uma vez que os anões não puderam impedir que a sua madrasta a visitasse no bosque e a envenenasse com uma maçã. De acordo com Bettelheim (1980, p. 247), “os anões são incapazes de protegê-la e a mãe continua tendo poder sobre ela”. Nesse instante, há uma convergência com a história de Lobo Antunes, pois, do mesmo modo, em *Que farei quando tudo arde?*, o “anão da Branca de Neve” é incapaz de salvar Paulo de sua triste relação com os seus pais. Ainda na visão de Bettelheim (1980, p. 249), os anões simbolizam uma forma de existência imatura e pré-individual que a princesa deve transcender. Mas, essa transcendência não ocorre com Paulo, que lutou por sua sobrevivência sem os seus pais biológicos. Nem mesmo os seus pais adotivos conseguiram salvá-lo de si mesmo. A figura do anão simboliza o trabalho, a luta e o crescimento. Estaria o anão satisfeito com o trabalho de Carlos? Com a prostituição de Judite? Com a dependência química de Paulo? Ou melhor, esse anão propicia o desenvolvimento e a prosperidade dessa família? Mesmo não podendo impedir as visitas da madrasta à Branca de Neve e nem o seu envenenamento, de certa forma os anões foram a peça-chave da formação da princesa enquanto mulher, o que não acontece com a triáde antuniana.

Curioso notarmos que a presença dos anões em cena é paradoxal, pois ao mesmo tempo em que propiciam o progresso da heroína no enredo, essas figuras, de acordo com Bettelheim (1980, p. 254), não estão ligadas à felicidade dos sujeitos, pois, como já foi dito anteriormente, elas estão em um estágio de imaturidade, pré-identitário e pré-edipiano. Os anões nunca conhecerão o amor, o casamento e os filhos. Talvez, analisando por esse prisma, a presença deles esteja bem de acordo com a infelicidade da família antuniana, que na realidade, não sabe administrar o amor, o casamento e, no caso de Carlos e Judite, o filho, traduzindo o paradoxo da escrita pós-moderna.

E assim, em *Que farei quando tudo arde?*, a presença do “anão da Branca de Neve” representa a reprovação das ações dos anti-heróis desse enredo.

Seja no episódio em que Carlos-Soraia sofre agressões físicas dos traficantes a quem o seu namorado Rui devia e vai trabalhar em seguida muito machucado, ou em inúmeros outros, presenciamos o olhar crítico e insatisfeito do anão incidindo na pessoa do travesti e em toda a sua família: “o anão no topo do frigorífico ou o gerente para o meu pai a impedir-lhe o camarim / – Entrares em palco nesse estado Soraia?” (2001, p. 248). O anão simboliza o passado de uma suposta união entre Carlos, Judite e Paulo, momento em que deveriam se desenvolver, mas não o fizeram: “o meu pai nunca chorou assim, se me falava no anão da Branca de Neve / e quem diz o anão da Branca de Neve diz o tempo em que morávamos no outro lado do rio” (p. 386).

Por vários momentos em que Paulo se lamentava pela vida que teve no pretérito com os seus pais, ele mencionava a figura do “anão da Branca de Neve sobre o frigorífico”. Em outro episódio, Carlos diz ao seu colega travesti que tem receio de sua transformação sexual e que percebe a censura das pessoas e as coisas que lhe observam ou estão ao seu redor: “...a rapariga a censurar-me do retrato, a boneca de pasta zangada comigo, se calhar o anão da Branca de Neve a detestar-me na outra margem do rio, que me incomoda o anão...” (Antunes, 2001, p. 449). Podemos notar o quão é importante a simbologia do anão para esses protagonistas, ou seja, uma sonhada felicidade, que não é adquirida por todos eles, torna-se um ícone negativo, que os incomoda. Nesse outro instante, a seguir, podemos reconhecer a necessidade de Paulo de voltar ao passado em busca da (im)possível paz perdida: “... não o bairro da heroína, não a parede, [...] algures no Tejo o que faz tantos anos procuro, metade de um portão, um anão de gesso sobre o frigorífico, a paz, uma paz difícil agora” (p. 467). Com Judite, o anão reprovava a sua prostituição e despertava a atenção de seus amantes, como no exemplo em que os entregadores do espelho o observavam curiosos: “o sócio a observar o anão” (p. 468-469). Interessante notarmos que o anão faz parte da história dessa tríade antuniana, e não poderia ausentar-se de modo algum.

Quando Paulo, por um momento, sonha com uma outra vida alternativa para si e para os seus pais, ele frisa a ausência do anão em sua narrativa: “...não a nossa casa que estranho, outra casa, o frigorífico sem o anão da Branca de Neve em cima...” (p. 478). E, tomado por um sentimento de revolta, deseja que o mar inunde a sua casa e acabe com tudo o que lhe é significativo, a exemplo de sua mãe e do anão: “...as ondas da enchente mais intensas com a tarde alcançando o frigorífico, o anão [...] a minha mãe...” (p. 528). Mais adiante, o anão, tomado pela voz de Paulo, aconselha

aos membros dessa família a salvação mútua: “...o anão da Branca de Neve severo para mim [...] – Tomem conta um do outro /se me apoderava da tesoura o anão logo / – Vê lá / proibia-me de cortar vestidos, provar as embalagens de remédio, fazer um lago na banheira” (p. 621). E acrescenta: “se dependesse dele não deixava a Gabriela, estou a vê-lo conosco a reprovar-me / – Tantas asneiras Paulo / a empregada do refeitório [...] – Falaste com quem?” (*idem*).

Como vimos, a figura do anão possui uma importância simbólica para a vida dos protagonistas do romance *Que farei quando tudo arde?*. O anão pode representar, nesse contexto, a ordem, a paz e a moral perdidas por todos eles. Notemos o tom de reprovação em sua fala e conduta, ao censurar as atitudes de Paulo e de sua família. Embora a presença do anão seja um elemento do passado em que viviam juntos no Bico da Arca, a sua imagem não deixou de povoar o imaginário desses anti-heróis, nem de castigá-los por realizarem ações que contrastam com o ideal doméstico exigido pela sociedade portuguesa. É assim, sempre que Paulo, por exemplo, por ser o mais crítico dentre eles, se lamentava pela sua história, lembrava-se do anão censor e repressor da desordem familiar: “o anão da Branca de Neve a tomar conta de todos [...] usava uma picareta e uma lanterna que não iluminava ninguém, apenas no caso de eu pegar na tesoura se assustava em lamúrias / – Cuidado” (p. 623). Notemos como, nesse caso, Paulo sacraliza o anão, que, de modo onipotente e onipresente, é responsável pela vida e destino dos referidos personagens antunianos. É justamente por dependerem psicologicamente dos cuidados dessa figura tão severa e punitiva que Carlos, Judite e Paulo nutriam por ele um duplo sentimento de atração e repulsa, conforme veremos no seguinte episódio, em que Judite tenta jogá-lo no lixo:

...o tempo gastava-o como gastava as paredes, por mais de uma vez a minha mãe lhe pegou para o esmagar no lixo / – Temos de comprar outro boneco Paulo / erguia a tampa do caixote, episódios antigos passavam-lhe na memória, arrependia-se, explicava ao anão / – Desta vez salvas-te / fazia menções de beijá-lo / – E eu Carlos? [...]reparava em mim, empoleirava-o no frigorífico [...] e à medida que a minha mãe explicava ao anão / – Desta vez salvas-te [...] existe a dor... (p. 623 a 625).

Conforme citação, há em Judite uma vontade de se livrar da figura do anão, que tanto lhe pesa na alma. Porém, quando o vê no lixo, tal personagem arrepende-se do ato de se desfazer desse objeto, que também funciona como um amuleto, uma tentativa de se alcançar o sonho da felicidade. O

anão já fazia parte desse contexto familiar e deveria permanecer em seu seio. Podemos enxergar também que, ao mesmo tempo em que Judite tenta descartar o anão por ele não ter trazido a paz doméstica que tanto procurava, a mãe de Paulo se lamenta pela realidade que está ao seu redor: o abandono do marido e a falta de cuidados com o filho, o que a fez perder a sua guarda para o casal adotivo dos Anjos (Sr. Couceiro e D. Helena). Sendo assim, podemos perceber que Carlos, Judite e Paulo não viveram, ao longo da trama, em um Conto de Fadas e que não puderam ser contemplados com um final feliz. Antes, foram esmagados por um trágico desfecho, que se caracterizou pela derrocada de uma família nada convencional para os parâmetros sociais de uma coletividade ocidental ainda moralista e católica. Paulo desabafa e nos revela que, em *Que farei quando tudo arde?*, não existe “Príncipe encantado nenhum”, mas apenas “um palhaço”, que se torna o responsável pela degradação existencial de si e de seus entes queridos (Antunes, 2001, p. 594-595).

Referências

- ANTUNES, A. L. **As naus**. 5.ed. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- ANTUNES, A. L. **Que farei quando tudo arde?** Lisboa: Dom Quixote, 2001.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Edição, introdução e notas de Maria Tatar; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.